Nem tudo é ilha da fantasia

Quem paga aluguel no Sudoeste passa aperto. Para comerciantes, muita gente vive de fachada

FLÁVIA RIBAS

FERNANDO RODRIGUES

Moradores reclamam da falta de transporte público, dizem que são poucas paradas e que os ônibus dão grandes voltas no Sudoeste

Nem todos vivem na ilha da fantasia. Quem paga aluguel no Sudoeste, vive apertado para manter o alto padrão. A comerciante Elisa Niho, dona de um mercadinho de frutas e legumes diz que muitos clientes vivem de fachada e, às vezes, dão calote em sua venda. "Sabemos que tem muita gente devendo muito lá fora, mas continua morando no bairro pelo status", diz a comerciante.

Proprietário de um mercado, Isídio Gonçalves, é o comerciante mais antigo do bairro. Nos últimos cinco anos, ele percebeu uma redução nos negócios. Na opinião de Isídio, o poder aquisitivo dos clientes no Sudoeste diminuiu desde então. "A maioria dos moradores é funcionário público. Não houve aumento de salário e os clientes vão atrás das promoções dos grandes supermercados. Pequenas economias fazem diferença no bolso do cliente", explica.

A concorrência para o mercadinho de Isídio aumentou e ele, que possui quatro lojas no subsolo do edifício Rhodes Center I, pensa em reduzir o tamanho da loja. "Quando vim para cá, eram só duas e, com um bom retorno, aumentamos. Agora, acho que vou vender uma ou duas lojas. O condomínio e o IPTU aqui são caríssimos. O empresário que tem que pagar aluguel dificilmente sobrevive", explica. No térreo, as lojas voltadas para a pista são alugadas por, em média, R$ 1.500, além de condomínio.

Pedestres sofrem com "barreiras"

Para os pedestres, a vida é difícil. Não faltam passagens, mas as cercas vivas dos prédios residenciais dificultam a passagem e algumas barreiras para motos nas calçadas impedem também a circulação de quem vive sobre rodas. A acessibilidade para portadores de necessidades especiais, carrinhos de bebê e pessoas de mobilidade reduzida é complicada no comércio, onde a entrada passa, muitas vezes, por degraus.

Nas quadras mistas, a maior dificuldade dos moradores é a falta de transporte público. Mesmo as paradas de ônibus são poucas. "Ir daqui para a Asa Sul ou Asa Norte é muito difícil. Os ônibus demoram ou dão grandes voltas. O último zebrinha passa aqui às 17h30", reclama o morador Renan Duarte. Ele acredita que mais micro-ônibus resolveriam o problema.

50 mil

habitantes é a projeção original para o Sudoeste. Atualmente, a população – de 40 mil pessoas – equivale a 20% dos habitantes no Plano Piloto.

37,5

salários mínimos (R$ 9 mil) é a renda média mensal familiar, 1,5 vez maior do que a renda do Plano Piloto (23,5 salários) e 1,4 vez menor do que a renda familiar do Lago Sul (53 salários), segundo a Codeplan.

R$ 3,5 mil

é o maior preço cotado pelo metro quadrado no bairro, o mais caro do DF. A área total do setor é de aproximadamente 5,6 milhões de m².

R$ 1.500

além do valor do condmínio é o que se paga de aluguel pelas lojas mais caras da avenida comercial, voltadas para a pista.

R$ 80 mil

é o preço de uma quitinete no Sudoeste. Na média, elas medem 30m². O preço triplicou desde 1994.

435

edifícios existem no bairro, de acordo com a administração. Os apartamentos podem atingir até 450 m² de área privativa.

3

é o número médio de carros por família. Os edifícios mais luxuosos dão direito a quatro ou seis vagas na garagem.